



A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

CAPÍTULO 9

COORDENAÇÃO INTERMEDIÁRIA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: OS DESAFIOS E AS APRENDIZAGENS NO DESENVOLVIMENTO DAS ATRIBUIÇÕES NO TRABALHO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS

Ivanilde Maria Pereira da Silva

Eu me sinto muito feliz em poder compartilhar com todos vocês um pouco da minha experiência, enquanto Pedagoga-Orientadora Educacional, exercendo a função de Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional do Recanto das Emas. Não há contentamento maior do que o de ter a oportunidade de escrever sobre uma experiência que está em construção, todos os dias; em razão do momento pandêmico, pelo qual o mundo foi acometido por uma doença, a Covid-19, causada por um vírus de variante totalmente desconhecida, porém bastante letal.

Sinto-me como uma peça (rainha) de um jogo de xadrez muito importante para a educação do Distrito Federal e, quem sabe, até do país ou do mundo, pois nós, profissionais da educação, especificamente, os Orientadores Educacionais, precisamos aprender a desempenhar as nossas ações e atribuições, fazendo uso das tecnologias nesse novo contexto de trabalho.

Jamais imaginávamos que a escuta, os atendimentos individuais e coletivos aos estudantes, às famílias e aos professores fossem desempenhados pelo uso de celulares, tablets, computadores e outros recursos tecnológicos. Fomos chamados a nos reinventar para garantirmos à comunidade escolar o acesso ao Pedagogo-Orientador Educacional, mesmo que de maneira remota, mas realizando com a mesma maestria que antes desse momento pandêmico, histórico para nossa geração.

Vivenciar esse período, enquanto Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional, é sentir que minha missão na jornada da educação do Distrito Federal vem sendo desempenhada com compromisso, estudo e dedicação. Entendo que estou deixando um legado para as gerações futuras. Ter a oportunidade de possibilitar que as gerações que não vivenciaram essa pandemia de Covid-19, conheçam quais foram os desafios e os êxitos

que conseguimos ao desempenhar nossas atribuições como educadores.

São muitas as ações que o Pedagogo-Orientador Educacional lotado na Unidade Básica de Educação (Unieb) na Coordenação Regional de Ensino desenvolve. Esse profissional é identificado como Coordenador Intermediário da Orientação Educacional e tem como principal missão assessorar o grupo de Orientadores locais, que atuam nas Unidades Escolares.

Esse assessoramento é feito por meio dos encontros de articulação pedagógica que acontecem semanalmente, às sextas-feiras, tendo como um dos principais objetivos contribuir com a formação continuada dos Orientadores locais, por meio de palestras, estudos temáticos, informações passadas pela Gerência de Orientação Educacional (GOE) e outras atividades; oportunizando a esses Orientadores conhecimentos e saberes que vislumbrem a reflexão de sua prática pedagógica para atuarem com mais segurança, assertividade e responsabilidade junto à comunidade escolar.

Como me tornei Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional /UNIEB?

Escrever e tornar público como cheguei a ser Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional do Recanto das Emas é fazer uma viagem, ao longo de minha vida profissional, é voltar e rever minha atuação, enquanto Orientadora local, oportunizar um pouco da minha prática aos Orientadores empossados nos anos de 2018 e 2019.

Para entender quais são as atribuições da Coordenação Intermediária da Orientação Educacional, faz-se necessário, inicialmente, compreender o que é a Orientação Educacional. Nesse sentido, ela é entendida, nos moldes atuais, como parte integrante da unidade escolar, estando diretamente relacionada ao trabalho pedagógico, de maneira articulada com os demais setores da escola, onde o foco é o desenvolvimento integral de todos os estudantes, não mais de auxiliar apenas aqueles com dificuldades de aprendizagens, conflitos emocionais e outros. É o elo entre a escola, família e a comunidade, contribuindo para o processo educativo amplo, participando do planejamento, acompanhamento e avaliação do processo de ensino/aprendizagem. Como é explicado na Orientação Pedagógica da Orientação Educacional,

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de

decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p.15).

Diante de uma sociedade adoecida, nesse cenário, o papel do Orientador Educacional se tornou essencial para que outros aspectos que interfiram na aprendizagem possam ser discutidos e os estudantes tenham seus direitos assegurados.

O convite chegou até mim no segundo semestre do ano letivo de 2018, época em que eu atuava como Pedagoga-Orientadora Educacional no Centro Interescolar de Línguas 01 do Recanto das Emas. Recordo-me de que estava sozinha na sala da Orientação Educacional, quando meu celular tocou. Olhei e vi que era uma ligação telefônica da Coordenadora Intermediária. Preocupei-me com aquela ligação no final do dia. Será que ela está precisando de alguém para falar sobre algum tema em determinada escola? Pois era de costume isso acontecer. A pedido da coordenadora, eu já havia participado de reuniões de pais em algumas escolas como palestrante, abordando temáticas como: O papel da família na educação dos filhos e Rotina de Estudos. Para minha surpresa, a Coordenadora Intermediária logo falou algo parecido com o descrito abaixo:

___ Ivanilde, minha aposentadoria foi publicada, precisamos de alguém para assumir a Coordenação Intermediária dos Orientadores Educacionais. Pensei muito e percebo que você tem o perfil e consegue desempenhar bem a função.

Meu coração gelou, mas praticamente por impulso, disse que não era meu momento, dei algumas justificativas e encerramos a ligação. Fiquei pensativa por alguns instantes, pois esse era o segundo convite que recebia para ser Coordenadora Intermediária na UNIEB da Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas.

No mais íntimo do meu ser, eu queria sim ser coordenadora, porém, o medo em assumir uma responsabilidade tamanha me fez recuar, pois sabia que estar à frente de um grupo de profissionais era desafiador e exigiria tempo, estudo, conhecimento e dedicação. Esse convite me fez perceber que eu poderia continuar a contribuir com a Orientação Educacional do Recanto das Emas, de uma outra forma, não mais nas Unidades Escolares.

Passei a dialogar comigo mesma, refletindo a respeito do que de ruim poderia me acontecer, estando na Coordenação Intermediária dos Orientadores. Concluí que tinha realmente capacidade e prática pedagógica para auxiliar e assessorar os Orientadores das

Unidades Escolares e que também era uma possibilidade para eu aprender e agregar conhecimentos à minha formação.

Como disse anteriormente, não aceitei esse desafio prontamente, só expus essa vontade ao final de uma reunião coletiva de despedida por ocasião da aposentadoria da ex-Coordenadora. Nesse primeiro momento, comecei um estágio na Coordenação Intermediária da Orientação Educacional, pois passei a desempenhar as atribuições da pasta, por alguns dias da semana, enquanto em outros realizavam minhas ações no Centro de Línguas, assim, fui nessas duas jornadas até o final do ano letivo de 2018.

Nesses seis meses de 2018, período no qual atuava como Orientadora Educacional do Centro de Línguas e na Coordenação Intermediária, algumas pessoas dentro da UNIEB me auxiliaram e precisam ser lembradas: em específico, as Coordenadoras Intermediárias do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA) que me acolheram com muito carinho, paciência e profissionalismo. Nesse caminho, fui observando, atuando e aprendendo na prática como era ser coordenadora.

Iniciou-se o ano letivo de 2019, no primeiro dia de retorno, fui questionada pelo professor responsável pelo Setor Administrativo da Unidade Básica de Educação (UNIEB), se eu iria permanecer atuando na Unidade. Segundo ele, eu precisava definir se continuaria lotada no Centro de Línguas do Recanto das Emas ou passaria a ser lotada na CRE. Então, mesmo conhecendo as etapas do processo de eleição para ser Coordenadora Intermediária, solicitei ao Centro de Línguas a liberação para poder ser lotada na CRE.

No primeiro Encontro de Articulação Pedagógica da Orientação Educacional do ano de 2019, um dos pontos de pauta foi a divulgação do processo eleitoral para Coordenador Intermediário da pasta.

O documento Orientação Pedagógica da Orientação Educacional (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 29-30) aponta que a eleição deve acontecer no início de cada ano letivo, acompanhado e coordenado pela Unidade Básica de Educação da Coordenação Regional de Ensino. Os candidatos devem manifestar interesse dentro do prazo estabelecido; a eleição deve acontecer de forma secreta, o resultado será registrado em Ata de reunião que precisa ser assinada por todos e uma cópia deverá ser encaminhada ao Nível Central de Orientação Educacional. Naquele ano, não houve manifestação de interesse ao cargo de Coordenador Intermediário por outros Orientadores Educacionais, assim, minha candidatura foi única.

Dessa feita, fui eleita pelo grupo para representá-lo como coordenadora no ano letivo

de 2019. Colaborei com a Gerência de Orientação Educacional e principalmente dando suporte e assessoria aos Orientadores Educacionais lotados na CRE do Recanto das Emas. Posso dizer que, nesse primeiro ano, atuando nessa função, foi bastante desafiador, mas também de muito aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Chegamos ao ano letivo de 2020, novamente, conforme o documento Orientação Pedagógica da Orientação Educacional, precisávamos fazer nova eleição e, assim, foi feita; fui escolhida pela segunda vez.

Pensei... mais um ano de desafios e crescimento. Contudo, já que assumi o compromisso de estar à frente do grupo, comecei a fazer meu planejamento de ações e temáticas a serem desenvolvidas junto aos Orientadores Educacionais nos encontros de formação das sextas-feiras. Tudo estava muito bem, os Orientadores locais realizando suas atividades em suas escolas de lotação e eu fazendo o meu trabalho de Coordenadora na UNIEB.

Nesse período inicial do ano letivo de 2020, foram realizados dois Encontros de Articulação Pedagógica de forma presencial. Foi maravilhoso poder reencontrar profissionais e amigos antigos e de conhecer os Orientadores novos que chegaram de remanejamento, vindos de outras Regionais de Ensino. Recordo-me dos cafés coletivos que compartilhávamos em grupo, sempre com muita variedade de pratos e principalmente das conversas informais, acolhedoras, momento que tínhamos para conhecer os orientadores de maneira empática.

Tudo estava acontecendo conforme o planejamento no calendário Escolar da SEEDF, mal sabíamos que os desafios seriam bem maiores até o mundo ser surpreendido com a notícia de um vírus surgido em Wuhan, cidade chinesa. Foi o ano em que o Brasil e o mundo necessitaram aprender a se reinventar, enquanto pessoas e profissionais da educação, devido à pandemia de Covid-19.

A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), uma Síndrome Respiratória Aguda Grave. É uma doença letal, surgiu no final do ano de 2019 na cidade de Wuhan na China e vem se alastrando por diversas populações. A transmissão acontece pelo ar, pelo contato das pessoas umas com as outras, por partículas da tosse, espirro, pelo toque e por objetos contaminados. A Organização Mundial da Saúde – OMS em sua folha informativa definiu a Covid-19 como:

uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves.

Com o sentimento de incertezas, chegamos ao final do ano de 2020, mas não ao final do ano letivo. Tivemos o recesso para celebrar os eventos do Natal e de Ano Novo, no entanto, as atividades pedagógicas junto aos estudantes e aos Orientadores Educacionais pareciam não ter fim, ou seja, esse foi o ano letivo mais longo dos últimos anos. Só me recordo em ter vivido dois anos em um, quando eu era adolescente e estudante do GISNO - escola pública de Brasília, período em que os professores entraram em uma greve muito longa que comprometeu o calendário escolar, e para cumprir as horas exigidas pela legislação vigente, foi preciso repor as aulas no mês de janeiro.

Em janeiro de 2021, depois de tropeços, sentimento de impotência e aprendizados encerramos o ano letivo. Não foi nada fácil ouvir as angústias dos Orientadores das Unidades Escolares, relatando sobre os seus desafios em convencer os professores, durante os Conselhos de Classe, em não reprovar os estudantes, dessa forma, fica o sentimento de que fizemos o que era possível.

Saímos de férias em fevereiro de 2021, com a esperança de que tínhamos chegado em nosso destino final e, ao retornarmos, estaríamos trabalhando dentro das escolas com a presença de estudantes, professores e a comunidade. As atividades pedagógicas nas escolas aconteceriam como antes. Mas ao retornarmos do nosso descanso merecido, sentimos que essa viagem louca ainda não tinha chegado ao local de destino, pois os noticiários divulgavam o aumento de pessoas contaminadas pelo Coronavírus no Brasil e no Distrito Federal e foi necessário recuar.

Em março de 2021, iniciamos o ano letivo, trabalhando em home office; professores dando aulas pelas plataformas digitais, Orientadores Educacionais realizando atendimentos individuais e coletivos por meio do uso de instrumentos tecnológicos. E eu, coordenadora, desempenhando minhas funções pelo WhatsApp, conversas telefônicas, ou seja, tudo sem contato físico, só virtualmente.

E como todo início de ano letivo é necessário realizar a eleição do novo Coordenador Intermediário da Orientação Educacional, pensei em desistir de me candidatar a ser

coordenadora, cheguei a conversar com o grupo em um Encontro de Articulação Pedagógica sobre os desafios de estar à frente desses profissionais. No entanto, candidatei-me ao cargo mais uma vez; não houve nenhum outro Pedagogo-Orientador Educacional que quisesse ter a experiência valiosa de representar, ser o interlocutor dos Orientadores do Recanto das Emas.

Não era surpresa ser reeleita. A eleição aconteceu de forma virtual, em que os orientadores locais, por meio do preenchimento de um formulário Google, referendaram minha candidatura. E hoje estou novamente na coordenação, com mais aprendizado, desenvoltura e vencendo a cada dia os obstáculos de estar nessa função em um momento pandêmico.

Desafios e aprendizagens

Não há como falar da experiência em ser Coordenadora Intermediária, sem citar os desafios profissionais e os pessoais que foram enfrentados por mim e por outras coordenadoras durante essa viagem. Dentre as dificuldades, posso descrever algumas, como: aprender a lidar com as ferramentas do G Suite, a organização de tempo para estudar as várias documentações que eram publicadas quase que diariamente, fazer reuniões virtuais usando o Google Meet ou outra plataforma, lidar com o excesso de informações do WhatsApp assistindo às Lives.

De maneira presencial, nós, orientadores, reuníamos-nos às sextas-feiras em Encontro Articulado Pedagógico, momento de troca de experiência, formação continuada e também de repassar as informações dadas pela Gerência de Orientação ao grupo. Nessas ocasiões, era difícil encontrar espaço/ sala em alguma escola para fazermos nossa reunião semanal; no virtual, já tínhamos a sala; mas, de início, minha dificuldade foi fazer as reuniões e ficar somente eu com a câmera aberta, conversando com quase cinquenta pessoas de câmera desligada; digo que conversava com as "bolinhas representando as pessoas"; essas "bolinhas" se tratam dos avatares de conta Google. Muito complicado não enxergar os olhos dos participantes, pois por meio do olhar era visível para mim saber quais participantes estavam envolvidos realmente com o momento e se o que estávamos conversando era compreendido e fazia sentido para o grupo.

Nessa trajetória da Orientação Educacional pelos trilhos da educação mediada pelas tecnologias, deparamo-nos com a adversidade do uso desenfreado do WhatsApp,

inicialmente, na ânsia de quereremos dar as informações de maneira quase imediata, ou mesmo imediata, passamos a ficar conectados mais de doze horas por dia.

E neste ponto, precisei conversar com a equipe de Pedagogos-Orientadores Educacionais do Recanto das Emas a respeito da importância e necessidade de cuidar e gerir melhor o tempo, principalmente, dedicado às conversas do WhatsApp. Acordamos de não enviarmos mensagens ou questionamentos depois das 18 horas, ou se enviassem, somente teriam respostas no dia seguinte; outro ponto de consenso alinhado no grupo foi sobre a necessidade de cuidarmos do final de semana; não enviar mensagens nem documentos para serem lidos, nada que remetesse ao trabalho.

Recentemente, percebi que o WhatsApp ainda consumia muito do meu tempo, pois há todo momento tinha um Orientador Educacional que me contatava para indagar sobre algum assunto ou sanar dúvidas. Então, passei a não ter a preocupação de visualizar as mensagens em tempo real, comecei a determinar horários para eu acompanhar as mensagens. Isso fez com que eu pudesse me dedicar às outras atribuições de Coordenadora Intermediária, como ter mais tempo para planejar os Encontros de Articulação Pedagógica da OE, estudar e organizar as formações para as unidades escolares, responder os documentos solicitados pela Gerência de Orientação Educacional e fazer os despachos no SEI (Sistema Integrado de Informações), além de atender as necessidades da UNIEB.

O acompanhamento de diversas lives foi outro grande entrave, pois observei a necessidade de as pessoas apresentarem o que estavam realizando em suas atividades remotas. Foi um “**Bum**” (grifo meu) de palestras pelo YouTube. Em alguns dias, usei dois fones, pois havia uma sede pelo conhecimento, necessitava saber de tudo, para deixar os Orientadores bem informados, então com um fone ouvia uma palestra e com o outro participava das reuniões na UNIEB. Foi um período de muita ansiedade. Precisei desabafar em uma das reuniões com a Gerência, porque estava me sentindo sobrecarregada, era tarefa demais para ser realizada, tanto na UNIEB, quanto na pasta da Orientação Educacional.

Nesse ponto, fui refletindo sobre o que era realmente importante e cheguei à conclusão que o que importava era estar viva e ver as pessoas que amo vivas; questionei em uma reunião entre as Coordenadoras Intermediárias e a Gerência se realmente estávamos nos acolhendo, pois estudávamos, participávamos de formações e Lives sobre a importância do autocuidado e nesse momento não estava me sentindo cuidada, em virtude de tantas e longas reuniões, com muitos outros afazeres para concluir. O dia parecia que não acabava.

Chorei, mas foi preciso, para poder realmente me libertar dessa necessidade desesperada pelo conhecimento.

Quanta ansiedade! Muitos de nós com a sede de solucionar as contendas do grupo e nos mantermos informados de todos os assuntos, deixamos marido, filhos, ou seja, a vida familiar no canto. E isso não foi bom, nunca é bom. É preciso estabelecer limites, hoje entendo que como pessoa e coordenadora não preciso saber de tudo, podemos buscar as respostas juntos.

Ainda conversando sobre os desafios no aspecto profissional, não posso deixar de citar a dificuldade em lidar com as minhas emoções e com as das pessoas do grupo, dificuldade de não me deixar ser afetada com os conflitos que surgiam durante as reuniões com os Orientadores locais, lidar com a minha angústia e medo de ser acometida pela Covid-19 e conviver com a sensação da morte a todo tempo.

No ano de 2020, exatamente no mês de maio, precisei ser submetida a uma cirurgia e ao receber alta, a médica me recomendou a não ter visitas, pois a minha imunidade estava baixa e poderia ser contaminada pelo Coronavírus. Fiquei de licença médica por 45 dias. Depois, retornei ao trabalho de maneira remota. Mesmo estando trabalhando de forma remota, eu e toda minha família fomos infectados pelo Coronavírus.

Recordo-me que fiz uma reunião extraordinária com os Orientadores para informá-los que precisava me afastar, pois senti que estava com a Covid-19 em um domingo, e na segunda-feira já respirava com muito cansaço. Tentava não ter pensamentos negativos, mas o medo de morrer era angustiante, pois era desesperador sentir que o seu corpo não estava bem e nem respondendo as medicações e voltar o hospital e ser informada pelo médico que precisava vencer os quatorze dias; esses de muito sofrimento, fraqueza, dificuldade em respirar, porque estava com os meus pulmões comprometidos em 25%. Mas tinha que ficar em casa, a recomendação médica era não retornar ao hospital, somente por falta de ar. Mas **Graças a Deus** (grifo meu), eu e minha família vencemos a Covid-19.

Diante desse cenário, foi difícil conciliar a vida profissional com a vida pessoal, quando se está trabalhando dentro de casa, com filho em idade na primeira infância; muito estranho para a criança compreender que a mãe está em casa, mas que não pode estar completamente com ele. Lembro das inúmeras falas do meu filho que, ao acordar e me ver em frente ao computador me perguntava:

_ Você vai trabalhar?

Na verdade, ele queria saber se eu iria sair para trabalhar. Ele precisava confirmar que eu estaria em casa, pois mesmo no período de pandemia, a SEEDF publicou uma Portaria que convocava os servidores que exerciam suas funções nos níveis central e intermediário a retornarem ao trabalho presencial. E assim, com medo, retornei ao trabalho presencialmente, em regime de escala. Uns dois meses depois de ser submetida a um procedimento cirúrgico, citado anteriormente. Lembro-me de que no primeiro dia desse retorno, meu filho caçula acordou exatamente na hora em que eu estava saindo e começou a chorar e me pedir para ir para o trabalho comigo, foram uns trinta minutos de conversa, explicando que a mãe voltava logo.

Nossa! Meu coração partiu, pois eu não queria ir trabalhar presencialmente por estar com medo de ser infectada pelo Coronavírus, por ainda estar me recuperando da cirurgia, por deixar meu pequeno desamparado e ter o sentimento que poderia trazer a doença para dentro da casa e contaminar minha família. Na minha cabeça, não se justificava ir trabalhar em um momento em que o isolamento era importante para não disseminar o vírus; as minhas funções de Coordenadora Intermediária estavam sendo desempenhadas tranquilamente de forma remota, e eu estando presencial na UNIEB ou na minha casa as atribuições da pasta eram realizadas com mesmo compromisso de sempre.

Aprender a lidar com a morte, com o luto foi desafiador, mas o aprendizado vem acontecendo ao caminhar por esse outro lado sombrio e misterioso do ciclo da vida que é a morte. O grupo pode tirar proveito dos pontos positivos e negativos. Nesse momento pandêmico e histórico, estarmos vivos é um desafio diário, visto que não está fácil lidar com a perda de pessoas tão próximas e queridas.

Dentro da equipe de profissionais da Orientação Educacional do Recanto, fomos juntos aprendendo a lidar com nossas emoções em relação à doença e também com as mortes de orientadoras ou de parentes de pessoas do nosso meio profissional. Conectamo-nos com a dor de orientadores que perderam familiares (pai, marido, tios e outros) para a Covid-19. Convivemos, diariamente, com pedidos de orações, foi preciso aprender a praticar a empatia, porque entre nós tínhamos pessoas que estavam em sofrimento por causa da perda de seus familiares.

A maneira que nós Orientadores encontramos de demonstrar empatia, carinho foi nos mobilizarmos para que juntos comprássemos coroas de flores para serem entregues nos sepultamentos, lembrando que somente esses eram permitidos realizar, já que o momento

era de isolamento e o protocolo de sepultamento não permitia a aglomeração, apenas familiares podiam estar presentes. Para confortar o coração dos amigos que perderam seus entes queridos, fazíamos presentes, através das coroas entregues em nome da Orientação Educacional do Recanto das Emas.

Lidar com o luto é um desafio e um aprendizado constante, é necessário conversar sobre esse tema, assistir a Lives, participar de palestras e ler sobre o assunto. E o mais importante é reconhecer as próprias limitações e buscar ajuda de outros profissionais.

O luto é um processo de desenvolvimento pessoal complexo que envolvem fatores culturais, familiares e pessoais que se manifestam de diferentes maneiras, como expressões de sentimentos, revelados pelas emoções de angústia, tristeza, raiva, saudade e desamparo, diante da ausência causada pela morte de uma pessoa querida. Além das reações emocionais, nós, seres humanos, reagimos a perda de um ente, por meio de sensações físicas, de aperto no peito, nó na garganta, falta de apetite e outras. E expressar as emoções e as sensações físicas é a forma que nós temos para elaborarmos meios de minimizar nossas tristezas e o medo diante da morte. (TEIXEIRA, 2017).

Nesse cenário pandêmico, tivemos não só as perdas das pessoas conhecidas, mas também de muitas outras coisas como nossa liberdade, o contato físico e presencial com familiares e amigos da escola ou do espaço de trabalho; hoje, compreendemos que o luto não é uma situação a ser superada, visto que cada pessoa reage as perdas de maneira diferente. Para Bolaséll, et al. (2020, p.6), o luto “é um processo que necessita de tempo para a pessoa se adaptar. Não é uma vivência em linha reta, ou seja, não existem fases pré estabelecidas, pois se trata de uma nova forma de viver para aquele que perdeu algo ou alguém significativo”.

Os aprendizados e os desafios, neste momento de pandemia, caminham juntos, um não pode estar separado do outro, porque o aprendizado vem sendo construído ao passo que vamos vencendo os desafios. Então, assim, uma das primeiras aprendizagens que nós, Orientadores Educacionais, tivemos foi de incorporar as tecnologias à nossa prática; para isso foi necessário passar por alguns cursos com objetivo de aprender a usar esses recursos a nosso favor e da educação.

Aprendemos sobre o uso de vários aplicativos: Canva, InShot, Bitmoji e muitos outros que são utilizados diretamente nos celulares e computadores. Com estes aplicativos foi possível produzir vídeos, confeccionar posts com montagem de fotos para serem

compartilhados com a comunidade escolar. Um dos vídeos de grande importância foi o produzido em equipe para celebrar o 10º Fórum da Orientação Educacional, que apresentou um resgate histórico, desvendando e revelando os profissionais que participaram da construção da história da Orientação do Recanto das Emas. Foi emocionante rever os rostos de alguns profissionais em fotos.

Nessa jornada de ser Coordenadora, tive o prazer de estar e contribuir em formações em outras Regionais de Ensino, estive em Brazlândia, Santa Maria e até em uma palestra com os Orientadores do Rio Grande do Sul. Como também a satisfação de recebermos colaborações de profissionais de outras Regionais em nossos encontros às sextas-feiras. E isso só foi possível porque estávamos trabalhando de casa com uso do Meet. Através do endereço eletrônico de uma reunião, era possível estar em outras cidades e estados.

Para que pudéssemos usar as ferramentas certas, a Secretaria de Educação ofereceu aos seus profissionais um curso sobre Ferramentas Google, em que nos foi apresentado um modelo de como poderíamos proporcionar aos nossos meninos e meninas aulas ministradas por meio do Google Meet. Como essa metodologia de ensino foi pensada? Por um repositório de atividades, criando uma sala no Google Classroom com o uso dos formulários e o drive para disponibilizar os materiais confeccionados.

No entanto, para as Coordenadoras Intermediárias da Orientação Educacional, esse período de aprender a incorporar as tecnologias em nossa vida profissional iniciou antes da proposta da SEEDF, pois a Gerência de Orientação Educacional (GOE), já pensando na possibilidade e na necessidade de que as ações dessa pasta não poderiam estar paralisadas, foram oportunizados momentos formativos, com o objetivo de nos instrumentalizar para atuação prática junto aos Orientadores locais, além disso, durante as nossas reuniões semanais, fomentamos técnicas de cuidados voltadas para as nossas emoções. A equipe de Coordenadoras Intermediárias e a Gerência passaram a se reunir semanalmente, às terças-feiras para discutirem sobre a conjuntura pandêmica.

É lindo ver que mesmo em um período de incertezas podemos aprender e progredir profissional e pessoalmente. Nunca me imaginei realizando lives no YouTube, reuniões por meio de uma teleconferência, fazendo falas de acolhimento...

Esses foram alguns aprendizados, embora outros possam ser destacados ao longo desse período, não só para mim, mas para muitos profissionais da Rede Pública de Ensino.

Um dos mais valiosos ensinamentos que recebi foi o de cuidar de mim, pois olhando

e zelando de mim, colocando-me em primeiro lugar, eu pude colaborar com o crescimento da equipe e dos professores que puderam me ouvir nas muitas reuniões virtuais que realizei nas escolas do Recanto das Emas, como também em outras Regiões Administrativas do DF. Esse aprendizado foi cultivado durante as reuniões semanais com a Gerência de Orientação Educacional e também nas reuniões com os Coordenadores Intermediários do Atendimento Educacional Especializado - AEE e do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem - SEAA. A interação entre essas Equipe foi bastante assertiva. Como nós já estávamos em teletrabalho, passamos a planejar ações e estratégias de acolhimento para com nossos pares, com o objetivo de que eles pudessem se sentirem preparados para acolher bem sua comunidade escolar.

Nesse ponto, o Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (2020) enfatiza que:

Acolher significa levar em consideração, receber, reunir, juntar. Pessoas podem promover mudanças ao seu redor, em seu círculo familiar, profissional ou social, por meio de atos de acolhimento às necessidades do outro. O poder da empatia tem relação com estratégias para ação emergentes e com atender mais necessidades por meio da inclusão de todas as vozes. No âmbito escolar, o acolhimento é uma ação pedagógica que favorece a integração de toda comunidade escolar, com vista ao desenvolvimento e fortalecimento do sentimento de pertencimento, assim como promoção do engajamento com o processo de escolarização e estratégias de aprendizagem e desenvolvimento.

O cuidar neste momento de vivência com a Covid-19 implica em realizar a escuta sensível, o diálogo e ações pedagógicas que promovam o autoconhecimento, autocuidado contribuindo para o processo de humanização e, assim, construir uma relação de parceria entre a escola e a comunidade; entre os profissionais da própria escola, edificando uma rede de proteção interna onde um aprende a ser, estar e sentir com o outro.

Dessa forma, percebi estar instalada inicialmente nossa rede de apoio; reuníamos-nos para estudar temas sobre acolhida, empatia, relacionamento e principalmente sobre nossas emoções, mas não eram ocasiões somente de planejamento, tínhamos momento de desabafar, falar dos medos em relação ao vírus e de pensar sobre o estado emocional, físico e financeiro dos estudantes e seus familiares, discutíamos a respeito da famílias adoecidas pelas perdas, pelas vulnerabilidades e também pela carência alimentar que muitos de nossos estudantes junto com seus familiares estavam passando devido às muitas privações impostas pela pandemia, porém, em alguns casos, mantendo a resiliência.

Com todo esse trabalho mediado pelas tecnologias posso revelar que aprendi a ser uma boa ouvinte, a mediar situações de conflitos em escolas, a trabalhar em equipe, ou seja, desenvolvi o autoconhecimento, gostei deste processo de aprender e compartilhar. Não sou perfeita, não preciso ser, sei que fiz o meu melhor e no momento que foi possível.

Desejo com esse relato profissional compartilhar de um momento em que a educação mundial e nós, profissionais da educação, necessitamos nos reinventar, rever nossa prática pedagógica e perceber que os recursos tecnológicos podem ser grandes aliados no processo de ensino e aprendizagem para a comunidade escolar. Esses instrumentos não poderão ser esquecidos, necessitam ser incorporados ao cotidiano das escolas. Esse momento histórico ficará marcado para sempre na Educação brasileira e mundial pelo aprendizado e superação. É preciso olhar esse ponto como um legado para as novas gerações. É respeitável que os diversos segmentos da sociedade não cometam os mesmos erros com a educação, pois se o desejo é termos um mundo melhor, é elogiável que tenhamos discernimento e valorizemos cada vez mais a educação e seus profissionais.

Referências bibliográficas

BOLASÉLL, L. T., Nunes, F. R. C., VALANDRO, G. S., RITTMANN, I., MARKUS, J., WEIDE, J. N., SEIBT, L. T., VERDE, L. V., & RODRIGUES, C. S. M. (2020). **O processo de luto a partir das diferentes perdas em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS. Projeto gráfico: Luciana Gomes.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF) – **Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais**. Brasília: SEEDF, 2020.

_____. **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 01/07 2021.

PIMENTEL, Renata Macedo Martins et al. A disseminação da Covid-19: um papel esperançoso e preventivo na saúde global. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 135-140, abr. 2020. Disponível em. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.v30.9976>. Acesso em 01/07/2021.

TEIXEIRA, Alyne. Nogueira. (2008). **Expressividade emocional na elaboração do luto infantil**: Um enfoque analítico-comportamental. Centro de Psicologia Aplicada – CPA (Pará), 2-20. Recuperado de <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/AlyneTeixeira.pdf>. Acesso em 30/06/2021.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. (2017). A criança diante da morte. **Revista UFG**, 6(2). Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48649>. Acesso em 01/07/2021.